

## Teologia e Filosofia dos Jesuítas em Portugal

Quando se fala do ensino superior dos jesuítas em Portugal, antes da supressão por Pombal (1759), pensa-se normalmente na Universidade de Évora, com as faculdades de Teologia, Cânones e Filosofia, e no Colégio das Artes (Faculdade de Filosofia), pertencente à Universidade de Coimbra e a cargo dos jesuítas desde o tempo de D. João III (10.9.1555)<sup>1</sup>. Não se limitava porém a isso o ensino universitário que «os denominados jesuítas», para falar como um texto de inspiração pombalina<sup>2</sup>, asseguravam em Portugal. Importa não esquecer as aulas «de casos» (entenda-se «casos de consciência»), autênticas cátedras de teologia moral, frequentadas por sacerdotes diocesanos e religiosos, e que funcionavam nos principais colégios e na casa professa de S. Roque.

O curso de *Filosofia* ministrado no Colégio das Artes<sup>3</sup> tinha a duração de quatro anos, sendo três anos e meio ocupados pela leccionação e o último semestre ocupado pelas provas públicas de licenciatura<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> JOÃO PEREIRA GOMES, «Artes (Colégio das)», *Enciclopédia Cultural Verbo* 2, 1412-1415.

<sup>2</sup> *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuítas*, Lisboa, 1772.

<sup>3</sup> Tendo as instalações do Colégio das Artes passado para a Inquisição em 1565, as aulas de filosofia passaram, desde essa data, a ser leccionadas no Colégio de Jesus, dos jesuítas, cuja primeira pedra foi lançada em 1547 e que ainda hoje subsiste.

<sup>4</sup> Ver em FRIEDRICH STEGMUELLER, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no século XVI*, Coimbra, 1959, 85-96, a distribuição das cadeiras até 1565 e depois dessa data.

Salvo impedimento, era o mesmo professor que assegurava integralmente a leccionação de todas as matérias do curso. Cada professor leccionava normalmente apenas um curso, passando depois para a Faculdade de Teologia.

Vigorava então, na generalidade das universidades, o sistema das *postilas*<sup>5</sup>, pelo que parte do tempo era ocupado pela ingrata tarefa de escrever o texto que o mestre ditava.

Terminada a leccionação do quarto ano por alturas de Fevereiro, começava o período das provas finais. Em acto público, cada aluno devia dar conta de um certo número de *conclusões* ou teses, previamente impressas e tornadas públicas<sup>6</sup>.

Começava o aluno por expor e defender a *quaestio* que encaçava a lista das conclusões, as quais, no caso da Filosofia e no tempo a que me refiro, eram geralmente nove. Quanto à *quaestio* proemial ou principal<sup>7</sup>, era nela que maior liberdade era concedido tanto ao professor como ao aluno<sup>8</sup>. Alguns exemplos, impressionadamente «modernos»: «poderá a medicina produzir a vida ou pelo menos mantê-la indefinidamente?» (conclusão 4720); «será possível, a partir dos astros, prever o nascimento ou a morte?» (4724); «que será melhor para a sociedade, a propriedade privada ou a comunidade de bens?» (4727); «e qual será maior, o amor dos pais pelos filhos ou o destes pelos pais?» (4730); «será possível diagnosticar o carácter a partir das formas corporais?» (4747).

Seguidamente, tinha o aluno de responder às perguntas que os assistentes lhe faziam, sobre a matéria das *conclusões*.

De entre os jesuítas que ensinaram filosofia em Coimbra menciono Pedro da Fonseca, Manuel de Góis, Sebastião Barradas, Cristóvão Gil e Estevão de Couto<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> Cf. JOÃO PEREIRA GOMES, «Postilas», *Enciclopédia Cultural Verbo* 15, 863-866. Milhares de postilas, quer as originais do professor quer sobretudo as escritas pelos alunos, se conservam ainda hoje, providas das mais diversas faculdades e cursos, constituindo imenso manancial informativo para a história do nosso passado cultural.

<sup>6</sup> Cf. JOÃO PEREIRA GOMES, «Teses», *Enciclopédia Cultural Verbo* 17, 1437-1438; ID., «As teses e o problema da sua autoria», *Brotéria* 73 (1961) 397-427.

<sup>7</sup> A questão principal veio, com o tempo, a tornar-se «honorária», visando a glorificação ou elogio do personagem a quem as teses são dedicadas.

<sup>8</sup> Não temos dados que permitam atribuir essas questões ao professor ou ao aluno. Cf. JOSÉ PEREIRA GOMES, *o.c.*

<sup>9</sup> Ver na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo* os artigos consagrados a estes professores.

A *Teologia* era leccionada em Évora desde 1552. A Universidade foi oficialmente inaugurada a 1 de Novembro de 1559, data em que contava trezentos estudantes, «duas cadeiras de teologia, uma de Sagrada Escritura, uma de moral, uma de filosofia e sete de latim. Mais tarde, três cadeiras de teologia especulativa, duas de moral, duas cadeiras subsidiárias de teologia, uma de Sagrada Escritura e quatro de filosofia. Além disso possuía uma cátedra de matemática, oito de latim e duas classes de ler, escrever e contar».

Dos professores que em Évora leccionaram teologia cumpre destacar Luís de Molina, Baltasar Álvares, Nicolau Godinho (que foi professor do Colégio Romano e revisor geral dos livros) Luís de Cerqueira, Cristóvão Gil, Pedro da Fonseca, Sebastião de Couto, Sebastião Barradas e Brás Viegas <sup>10</sup>.

ROQUE CABRAL

---

<sup>10</sup> Ver na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo* os artigos consagrados a estes professores.